Tendências pedagógicas e formação da identidade *Pedagogical tendencies and identity formation* *Tendencias pedagógicas y formación de la identidad*

Todo sujeito tem sua própria identidade. Na vida em sociedade as identidades de tais sujeitos se mesclam a todo instante, sendo dessa forma moldadas de acordo com o que ocorre no meio em que se acham inseridas. A escola é um sujeito social que reflete a própria vida e sua evolução, e, assim sendo, tem também sua identidade modificada de acordo com todas as mudanças que a rodeiam. As tendências pedagógicas retratam, no interior da escola, a forma de ser e agir da própria sociedade em suas épocas distintas, e emprestam suas identidades para a escola e os membros que a integram, sendo, portanto, modificadas por um processo constante de construção que as vai individualizar em seu momento e contexto social próprios.

Every subject has its own identity. In social life, the identities of such subjects are always melting, being this way molded according to what occurs in the environment in which they are inserted. The school is a social subject which reflects life and its evolution, and so, it also has its identity modified according to all the changes that surround it. The pedagogic tendencies convey, within the school space, the way of being and behaving of the society in its distinct moments, and lend their own identities to the school and all the members that can be found inside it, and this way, they are modified by a constant construction process which will individualize them in both their own moments and social contexts.

Todo sujeto tiene su propia identidad. En la sociedad, las identidades de los sujetos se mezclan a cada instante y de esta forma se moldean de acuerdo con lo que ocurre en el medio en que viven. La escuela es un sujeto social que refleja la vida y su evolución, y por eso, tiene también su identidad transformada de acuerdo con todos los cambios que suceden alrededor de ella. Las tendencias pedagógicas reflejan, desde el interior de la escuela, la manera de ser y de actuar de la sociedad en épocas distintas y le prestan a la escuela, y a los miembros que la componen, sus identidades, que, por su turno, sufren los cambios generados por un proceso constante de construcción que las individualiza es el momento y en el contexto social propios.

Palavras-chave: aluno, professor, escola, identidade, construção permanente.

Autor:

Prof.ª. Fernanda de Fátima Fernandes Pereira

Professora de língua Portuguesa e Inglês Instrumental em cursos de graduação da Universidade Estácio de Sá, formada em Inglês-Português pela UFRJ, e em Direito pela UNESA, especialista em Docência Superior (UCAM), Tradutora-Intérprete, Escritora e Mestranda em Educação pelo ISEP. E-mail: nandaf@uninet.com.br

Introdução

Deparamo-nos com um assunto que muito nos tem interessado ultimamente – a formação da identidade cultural do aluno e da escola em nosso país, então, decidimos refletir um pouco sobre o mesmo. Esse é, efetivamente, um dos assuntos mais complexos a serem discutidos no meio educacional, devido ao seu caráter de permanente construção, caracterizada por movimentos cíclicos que se refazem e reconstróem, de acordo com as características sociais de tempo e espaço de cada indivíduo, grupo ou geração. A identidade cultural consiste em reunir tudo aquilo que tem real importância, caracterizando o cerne dos indivíduos e suas individualidades, inseridas em um determinado contexto social, espaço físico e temporal. Estamos aqui fazendo referência à dialética constante entre o que a professora Roseli Fischmann, em seu artigo *Identidade, identidades – indivíduo, escola: passividade, ruptura, construção*, chama de aspecto individual e aspecto coletivo, toda vez que nos referimos a estudos sobre identidade.

Neste breve estudo, iremos abordar, de forma bastante sucinta, as principais características de cada tendência pedagógica e sua visão de identidade cultural, assim como, também, o modo como vem acontecendo tal processo de formação, numa perspectiva geral, nos períodos e espaços em que prevaleciam (ou prevalecem) as abordagens pedagógicas da Escola Tradicional, passando, então, para a abordagem da Escola Progressiva e finalizando com a abordagem da Pedagogia Crítica. Acreditamos ser importante tal estudo comparativo, uma vez que, somente após tal sistematização de conceitos e ideologias, estaremos mais conscientes a respeito de tal evolução de abordagens pedagógicas, e, conseqüentemente, teremos mais discernimento e reflexão crítica, para optar pela abordagem pedagógica, ou mesclagem de abordagens, que seja mais adequada às nossas necessidades e diferentes realidades em sala de aula.

Primeiro questionamento – O que distingue o termo “identidade” da expressão “identidade cultural”?

Achamos importante esclarecer a noção do que consideramos ser *identidade cultural*, uma vez que nosso breve estudo tem como enfoque a abordagem dessa noção aplicada às breves análises que iremos fazer com referência às três tendências pedagógicas aqui estudadas.

A palavra *identidade* traz em sua essência uma conotação bastante complexa, devido ao fato de se referir a todos os caracteres próprios e exclusivos que servem para identificar um determinado sujeito. Ela consiste em algo fundamental que pertence ao movimento pelo qual os indivíduos e os grupos compreendem os elos, mesmo imaginários, que os mantêm unidos. Moreira e

Macedo (2002) nos ensinam que “compartilhar uma identidade é participar, com outros, de determinadas dinâmicas da vida em sociedade, que compreende a dinâmica nacional, religiosa, lingüística, étnica, racial, de gênero, regional e local”.

Já o termo *identidade cultural* é algo mais específico, pois faz referência exclusiva a todo o repertório de atos, fatos, valores, conhecimentos adquiridos e experiências trazidas por um indivíduo, analisado aqui em seu contexto social, econômico e histórico, e que, portanto, traz influências de tudo o que o cerca, e que vai influenciá-lo em tudo o que faz. É a própria história de vida do sujeito, seus costumes, suas tradições, enfim, o seu mundo, em sentido lato.

Stuart Hall reconhece as identidades culturais como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. (HALL, 2001, p. 8, grifo nosso).

Num país em que temos a generosa colaboração de culturas distintas para a formação de uma cultura que possamos chamar de nacional, é algo extremamente complexo imaginar que haja uma uniformidade sobre o que venha a ser a identidade cultural de um grupo de indivíduos, muito menos da Escola, a qual recebe todas as influências das pessoas que nela se encontram, e do meio em que a mesma se acha inserida.

Cada indivíduo possui sua identidade cultural própria, e a Escola assume também sua identidade cultural peculiar, uma vez que é o lugar destinado a promover educação, para os indivíduos que dela e nela participam.

Podemos relacionar o conceito acima descrito para identidade cultural com a noção de *capital cultural*, discutida por Peter McLaren, a qual: refere-se à formação cultural geral, conhecimento, disposição e habilidades que são passadas de geração em geração. O capital cultural representa maneiras de falar, atuar e socializar-se, assim como práticas de linguagem, valores e estilos de vestuário e comportamento. O capital cultural pode existir no estado incorporado, como disposições de longa duração da mente e do corpo; no estado objetivado, como artefatos culturais tais com retratos, livros, diplomas e outros objetos materiais; e no estado institucionalizado, que confere propriedades originais ao capital cultural ao qual sustenta. ... O capital cultural reflete o capital material e o substitui como uma forma de moeda simbólica que entra no sistema de trocas da escola (McLAREN, 1997, p. 223-224).

Portanto, podemos observar que a noção acerca do que seja identidade cultural, ou capital cultural, é algo de extrema importância, quando é nossa intenção pesquisar o alunado e também o corpo docente que atua na Escola, a qual exerce o papel de agente social responsável pela formação desse alunado para a vida.

É de suma importância lembrar que a identidade cultural de um indivíduo, em nosso estudo o Aluno repercute de forma importante na identidade cultural do grupo, em que ele se ache inserido, e que, por sua vez, interfere na própria identidade da Escola. Tais interferências se mostram bastante significativas, pois emprestam ao grupo e à Escola um caráter de identidade própria, sem que haja a destruição do individualismo de cada ser integrante desse meio.

A identidade cultural no mundo globalizado

Temos observado que o mundo globalizado, com suas exigências cada vez maiores, para que haja mais intercâmbios sociais e econômicos, tem tornado mais evidente a dialética entre o realmente SER e o PARECER SER mencionada pela professora Roseli Fischmann no artigo já citado no início deste estudo. Quando estudamos a identidade cultural do indivíduo e da Escola não se pode querer uma uniformidade permanente desse concei-

to, uma vez que existe na vida em sociedade uma latente diferença entre o que é SER e o que é SER E PARECER, e tal diferença existe, de forma efetiva, não só em indivíduos, mas também em instituições, como a Escola. Tal aspecto mostra a pouca propriedade que existe, quando tentamos acreditar em uma uniformidade de comportamentos que caracterizem uma determinada identidade cultural. Muitas vezes o indivíduo/a instituição assume posturas diferentes, de acordo com a situação em que se ache inserido. É a “dinâmica do indivíduo de ‘ser-para-si’ e o ‘ser-para-outros’”, de Ronald Laing (FISCHMANN, 2000, p. 96, grifo nosso).

O caráter globalizante da vida atual muitas vezes obriga os indivíduos a fazerem com que o que prevaleça seja o Parecer e não o realmente Ser, pois há uma certa ânsia em nos desterritorializarmos, ou seja, sairmos de nosso ser íntimo, abandonarmos nosso repertório pregresso, para podermos interagir social e economicamente. No entanto, cada vez menos nos reterritorializamos, ou melhor, cada vez mais nos descaracterizamos, para que possamos sobreviver em uma “estrutura capitalista que não oferece condições sociais adequadas à convivência e ao intercâmbio de “produções desejantes”, de acordo com o que nos ensinam Deleuze e Guattari. (FISCHMANN, 2000, p. 98-99) Vemos aí como a noção de identidade fica comprometida e altamente fragilizada em seu conceito mais básico de significação, o que vai ao encontro da idéia defendida por Hall, de que o homem atual carece de uma identidade única:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (...) A identidade (no homem pós-moderno) torna-se uma ‘celebração móvel’; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. ... O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, p. 12-13)

A noção anteriormente mencionada corrobora a idéia de que “a vida é um palco” utilizada por Erving Goffman, em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*. Nessa obra, o autor analisa “detidamente os mecanismos dos quais lançamos mão cotidianamente, mais representando papéis que propriamente vivendo segundo nossos princípios” (FISCHMANN, 2000, p. 97, grifo nosso).

Pela complexidade de implicações a respeito do conceito sobre identidade cultural que podemos observar acima, concluímos que muito ainda tem de ser estudado a respeito. Urge que educadores comprometidos com uma real preocupação com a adequação da Escola àquilo que o Aluno e a Sociedade dela esperam, dediquem-se mais ao estudo minucioso do assunto para que a Escola cumpra com seu real papel de formadora de pessoas efetivamente atuantes na sociedade em que vivemos.

A identidade cultural do Aluno na tendência pedagógica da Escola Tradicional

A chamada Escola Tradicional considera o Aluno como mero detentor de uma posição secundária, de importância menor, na relação existente entre ele e o Professor. De acordo com os princípios pregados por tal tendência pedagógica, o Aluno vai à Escola para alcançar “sua plena realização como pessoa através

do saber, do conhecimento, atingido por meio do seu esforço" (SILVA, 1988, p. 79, grifo nosso). O Aluno precisa ir à Escola para se educar, aqui em seu sentido mais amplo da palavra, uma vez que ele é considerado como um ser imaturo e incompleto. Suas experiências prévias não são, em nenhum momento, consideradas durante o desenrolar de seu processo de aprendizagem, e tal noção já demonstra de maneira clara como essa tendência pedagógica não aceita, e podemos até mesmo dizer que rejeita a identidade cultural do Aluno até o momento em que ele começa a frequentar os bancos escolares. A idéia de que ele se acha em condição de "tábula rasa", ignorando por completo sua vida pregressa, é exemplo claro da completa não-valorização e reconhecimento de todo e qualquer tipo de conhecimento por ele trazido no repertório de experiências e conhecimentos por ele já adquiridos.

Na abordagem pedagógica tradicional, a identidade cultural do Aluno e sua individualidade são inteiramente desconhecidas, já que ele assume um papel meramente passivo, o de mero "receptáculo", simples repetidor de prescrições a ele passadas pelo professor adulto, considerado totalmente competente para orientar seus alunos na tarefa de aprender a constituir-se em um ser completo. Nesse tipo de abordagem o aluno sequer pode ter a ousadia de usar sua criatividade, e muito menos seu poder crítico, uma vez que ele ainda não detém as características de completude de conhecimento e caráter de um adulto. O lado psicológico do Aluno da Escola Tradicional é simplesmente ignorado. Sua inventividade e reflexão crítica, assim como seu repertório que é sempre impregnado de emoções e expectativas, não são levados em consideração, fazendo assim com que o lado psicológico desse Aluno não tenha nenhuma influência sobre o que vai ser ensinado (ou não) na Escola. Tudo aquilo que é externo à Escola não deve ser ensinado ou considerado como fonte de conhecimento. A verdade absoluta e inquestionável pertence aos livros e à Escola, que utiliza o professor como meio de transmissão das verdades absolutas e inquestionáveis. Valoriza-se o que vem de fora, e ignora-se a realidade do Aluno, do grupo onde ele se encontra. Há um verdadeiro pavor de qualquer mudança, pois ela implica reflexão e senso crítico por parte do Aluno, fatores que, sequer, são cogitados na Escola Tradicional.

Podemos perceber como essa tendência pedagógica, por sua desconsideração total ao que ocorre fora dela, não se mostra adequada para a verdadeira formação de indivíduos para a vida, uma vez que assume uma identidade imutável, dando supremacia absoluta a valores abstraídos, fragmentados da realidade do Aluno. Como podemos educar, formar para a vida, se não estamos nela inseridos? A vida da comunidade, seus problemas e anseios, assim como também as diversas individualidades de cada aluno, fazem parte da dinâmica progressiva e constante de formação de uma identidade cultural para o Aluno e a Escola.

Sabemos que muitos aspectos dessa tendência pedagógica ainda são utilizados em algumas de nossas escolas, pois, afinal, fomos educados com esse modelo, mas os tempos de globalização têm nos mostrado a sua precariedade, pois dessa forma, ignorando o novo e as diferenças individuais, e somente repetindo modelos ultrapassados, não alcançaremos nosso objetivo maior que é o de educar e preparar para a vida.

A identidade cultural da Escola na tendência pedagógica da Escola Tradicional

A instituição da Escola Tradicional detém o monopólio exclusivo de poder absoluto do ponto de vista referente à identidade cultural. Ela dita as regras que jamais são questionadas

por seus membros, e ignora por completo as diferenças de individualidades de seus Alunos. Qualquer inferência de fatos ou acontecimentos a ela desconhecidos é literalmente rejeitada, assumindo assim um caráter de identidade autoritária, que só visa à manutenção de um modelo de poder dominante. O que existe já está completo e verdadeiro, logo, não admite mudanças. Como detentora do poder e conhecimento total das coisas, não admite a participação ativa de seu Aluno, considerado incapaz para fazer qualquer tipo de acréscimo cultural em sua estrutura. Sua realidade está totalmente desvinculada da realidade que a cerca. Trata-se de uma realidade abstraída da realidade do Aluno e do seu meio. Dos fatos acima expostos, podemos concluir que, devido ao seu caráter de autoridade máxima, exerce poder disciplinar rígido, não permitindo ao Aluno o exercício de sua capacidade reflexiva, crítica e criativa. Ela sempre sabe o que é melhor para o Aluno, e dá a este orientação rígida e fixa sobre o que entende por educação.

Como crítica a essa tendência pedagógica podemos observar que tal identidade cultural, moldada de acordo com o hermetismo característico de todo autoritarismo, não é adequada para a formação do Aluno, já que este vive em sociedade, a qual requer dele uma postura cada vez mais participante dos problemas que ocorrem a todo momento. É preciso admitir a interferência de fatos externos à Escola, pois eles têm, efetivamente, uma importância enorme sobre o que ocorre na mesma. Basta lembrar o exemplo brilhante do bate-estaca, citado no artigo da professora Fischmann (2000), o qual interfere na realidade interna da Escola, apesar de não se encontrar em seu interior. Todos vão sofrer sua com sua "invasão", assim como ocorre com tudo o que se passa fora do espaço físico reservado à Escola. Como considerar, nos dias atuais, uma instituição detentora de verdades absolutas e que ignorem as mudanças que ocorrem a cada momento? Tudo muda a todo instante, logo, o hermetismo e a abstração da Escola Tradicional se mostram fora da realidade e necessidade do Aluno deste início de século, o qual precisa saber participar de forma atuante na sociedade e mundo globalizado em que vive.

A identidade cultural do Aluno na tendência pedagógica da Escola Progressista

A época marcada pelo advento da Escola Progressiva coincide com uma certa abertura no questionamento das ideologias dominantes. Começa a ser questionado todo o autoritarismo ditatorial, e surge então uma esperança de mudanças substanciais na vida da sociedade. O Aluno já pode participar da Escola, e isso funciona como que um momento importante de transição de um período marcado por hermetismo e autoritarismo, para outro momento em que os fatos começam a "incomodar" a sociedade. A Escola está inserida nesse espaço, e, assim sendo, começa também a passar por um processo de reestruturação de conceitos, práticas e ideais. O repertório de vivências do Aluno vem a fazer parte da vida e realidade da Escola, interferindo assim em sua própria identidade. É nesse momento que a Psicologia é trazida para a educação com a finalidade de melhor entendê-la e auxiliá-la.

Os interesses do aluno são considerados importantes e decisivos na ação da escola e na forma como o conhecimento é passado para o aluno. O seu aprendizado é feito através de descobertas (auto-aprendizagem). Segundo Anísio:

Teixeira talvez, mais do que tudo, a idéia de que a educação, ou melhor, auto-educação - porque só a própria pessoa se educa - é, antes de tudo, o resultado de se assumir

direta e integralmente a responsabilidade dos próprios atos e experiências. (TEIXEIRA, 2000, p.17)

O conceito de individualidade é aqui priorizado. Essa é a tendência pedagógica que mais valoriza a figura do aluno, sua capacidade e sua individualidade. A identidade cultural dele é considerada importante. Há a não-intervenção de controle e juízo dos docentes. O aluno é a figura principal dessa tendência pedagógica. Ele deve ser preparado para atuar na sociedade onde a máquina e a ciência já são parte de um mundo novo, e sua educação deve estar voltada para que a maior parte de seus problemas de desajustamento moral e social possam ser evitados.

O aluno, que para a tendência progressiva é sempre denominado estudante, indivíduo, sujeito, deve ser respeitado pela escola, com suas diferenças, e ter condições de desenvolver-se em seu processo de vir-a-ser para conhecer o futuro imprevisível. A escola é vida nesta pedagogia, "logo, em cada momento da vida, uma determinada pessoa tem saber próprio, com os seus resultados intrinsecamente organizados e o seu aspecto lógico derivado" (TEIXEIRA, 2000, p. 80).

Stuart Hall reforça este conceito ao expor que "a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência, no momento do nascimento" (HALL, 2001, p. 38). O indivíduo se constrói e aprende durante toda a sua existência, pois a identidade "permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada'" (HALL, 2001, p. 38).

Nessa tendência pedagógica, o aluno aprende, através de um processo ativo de reação, selecionando as reações apropriadas, e fixando-as no organismo, incorporando dessa forma em seu repertório os conhecimentos a serem aplicados em sua vida.

A identidade cultural da Escola na tendência pedagógica da Escola Progressista

No momento em que a tendência pedagógica progressista começou a ser pensada, houve a introdução da corrente teórica do pensamento escolanovista (John Dewey), o qual representou um verdadeiro "arejamento" na área da educação, pois trouxe para ela a possibilidade de entrada do novo, do real, da vida em sua plenitude.

A Escola Progressista funciona como um ambiente que serve de meio estimulador da aprendizagem do aluno, assim como também provê "a oportunidade para a prática da democracia" (TEIXEIRA, 2000, p. 41). Ela é fonte de alegria, e valoriza, a todo momento, as atividades individualizadas do aluno. O psicologismo axiológico tem destaque na formação da identidade cultural da Escola Progressista, a qual assume o papel da família e do meio social no concernente à educação.

Podemos identificar a transformação da escola no enfoque de Anísio Teixeira, onde: a reorganização importa em nada menos do que trazer a vida para a escola. A escola deve vir a ser o lugar onde a criança venha a viver plena e integralmente. Só vivendo, a criança poderá ganhar os hábitos morais e sociais de que precisa para ter uma vida feliz e integrada, em um meio dinâmico e flexível tal qual o de hoje (TEIXEIRA, 2000, p. 40).

A escola precisa dar ao aluno (criança), além de informações, todo um preparo para que ele: tenha a atitude crítica de inteligência para saber julgar e pesar as coisas, com hospitalidade, mas sem credulidade excessiva, para saber discernir na formidável complexidade da integração industrial moderna as tendências dominadoras, discernimento que há de habituá-la a não perder a sua individualidade, a ter consciência do que vai passando sobre ela pelo mundo afora, e ainda, para sentir, com

lúcida objetividade, a interdependência geral do mundo e a necessidade de conciliar o nacionalismo com a concepção mais vigorosa da unidade econômica e social de todo o mundo (TEIXEIRA, 2000, p. 41).

A identidade cultural do Aluno na tendência pedagógica da Escola Crítica

Nesta tendência pedagógica, o Aluno é considerado sujeito ativo que detém um comprometimento com o aumento de poder pessoal e social. Os problemas sociais existentes são parte de todo um contexto interativo entre indivíduo e sociedade. O indivíduo é considerado: um ator social, que cria e é criado pelo universo social do qual faz parte. Nem o indivíduo nem a sociedade são priorizados na análise; os dois são inextricavelmente interligados, de maneira que a referência a um deve, necessariamente, significar referência ao outro (McLAREN, 1997, p. 199).

Esse Aluno pensa, reflete e é levado a fazer uma conexão entre métodos, conteúdo e estrutura de seu curso, vendo então o seu verdadeiro significado dentro de sua realidade social. De acordo com McLaren, há a criação de um método dialético para os objetivos que se quer alcançar em sala de aula: método esse que possibilita que os estudantes adquiram uma grande estrutura de referência ou visão de mundo; em outras palavras, ajuda-os a adquirir uma perspectiva política. Os estudantes podem, então, tornar explícito o currículo oculto e desenvolver uma consciência política crítica (McLAREN, 1997, p. 201).

Esse Aluno é convidado a questionar desigualdades sociais que fazem parte de sua vida em sociedade. O conhecimento que ele adquire na Escola tem caráter emancipatório, pois tenta reconciliar e transcender a oposição entre o conhecimento técnico (o adquirido na Escola Tradicional) e o conhecimento prático (aquele referente à Escola Nova). Seu repertório de conhecimentos é aproveitado e contribui para seu caráter crítico da sociedade em que ele vive.

A identidade cultural da Escola na tendência pedagógica da Escola Crítica

Ao contrário da Escola Tradicional, que nada questionava, e que apenas se preocupava com a repetição de modelos preestabelecidos, a Escola Crítica questiona o por que determinado conhecimento deve ser ensinado ao Aluno. Ela adquire uma natureza dialética, pois funciona não somente como "uma arena de doutrinação ou socialização ou um local de instrução, mas também como um terreno cultural que confere poder ao estudante e promove a autotransformação" (McLAREN, 1997, p. 200, grifo nosso).

Essa Escola tem o compromisso de estar fundamentalmente ligada à idéia de uma "luta por uma vida qualitativamente melhor para todos, através da construção de uma sociedade baseada em relações não exploradoras e na justiça social" (McLAREN, 1997, p. 200).

Concluimos assim que a identidade da Escola Crítica é integralmente voltada para interesses sociotransformadores, não privilegiando individualidades de seus membros, mas priorizando os interesses e melhorias de qualidade de vida de todo o grupo social em que se acha inserida.

Conclusões

Quando comparamos as três tendências pedagógicas podemos observar uma nítida evolução no que concerne à valorização da identidade cultural do aluno, considerado aqui em sua individualidade. Na Escola Tradicional, esta era simplesmente ignorada; na Escola Nova, com a ajuda e introdução da Psicologia

na área educacional, houve a valorização da identidade cultural de cada aluno, que passa a ter um papel mais ativo e participante na Escola; e, por fim, na Escola Crítica ou Radical, tal identidade cultural passa a ser estudada e valorizada como participante ativa e capaz de fazer inferências importantes no grupo social em que está inserida. Neste momento, a identidade cultural individual já não é mais prioridade, mas sim a grupal, a qual pode exercer uma práxis transformadora na sociedade, pois age, reflete sobre a ação, e torna a agir para promover mudanças sociais que julgue necessárias a seu desenvolvimento.

A identidade cultural do sujeito das sociedades modernas do século XXI vem sofrendo uma série de modificações estruturais, as quais fazem com que haja uma verdadeira fragmentação das: (HALL, 2001)

paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado (na época da Escola Tradicional) nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (p. 9)

No entanto, em face à nova realidade globalizadora e ao mesmo tempo de provisoriedade e complexidade de conceitos, a identidade cultural do indivíduo é algo que se encontra em constante processo de reconstrução. Ainda de acordo com o que expõe Hall, *"a identidade é algo realmente formado, ao longo do tempo, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. (...) Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre "sendo formada"* (HALL, 2001, p. 38, grifo nosso).

É esse caráter de constante reformulação da práxis que corrobora a idéia do pensamento e prática pedagógica crítica ou radical, aplicada ao conceito de identidade (HALL, 2001):

surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (p. 39)

A identidade da Escola brasileira, tipicamente de caráter que testemunha grande multiplicidade de identidades culturais, precisa admitir a existência e o enriquecedor acolhimento das diversidades e provisoriedades para que desempenhe seu papel real de ser uma instituição presente e participante da vida da sociedade em que esteja inserida. Sua responsabilidade é grande, e toda a sociedade precisa ver nela um eficaz instrumento que forme indivíduos efetivamente preparados para a vida desse novo século, sabendo respeitar as identidades próprias de cada um de seus membros participantes, e aprimorando a cada dia sua própria identidade cultural. É preciso lembrar que cada indivíduo tem sua identidade própria, e esta sempre interfere e atua na identidade do grupo em que ele vive.

Referências Bibliográficas

- FISCHMANN, R. *Identidade, identidades – indivíduo, escola: passividade, ruptura, construção*. In: TRINDADE, A. L. da (org) *Multiculturalismo – mil e uma faces da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 91-113.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- McLAREN, P. *A Vida nas Escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MORERA, Antônio Flávio Barbosa e MACEDO, Elisabeth Fernandes. *Curriculo, identidade e diferença*. In: MACEDO, Elisabeth Fernandes (org) *Curriculo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Editora Porto, 2002, p. 11-33.
- SILVA, S. *Valores em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- TEIXEIRA, A. *Pequena Introdução à Filosofia da Educação – A Escola Progressiva ou A Transformação da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

Artigo enviado em 22/03/2003, aceito em 12/06/2003.